

## **Violência e amizade em *A Ilha dos gatos pingados*, de José J. Veiga.**

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira<sup>1</sup>  
Verônica Maria de Araújo Pontes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho, tem por objetivo analisar as relações entre as personagens do conto “A ilha dos gatos pingados”, principalmente, no que se refere a amizade existente entre meninos que buscam, como podem ajudar o amigo Cedil a escapar da tirania do mundo dos adultos. Nesse sentido, observa-se que José J. Veiga, apresenta-nos crianças que embora estejam subjugadas a violência doméstica, principalmente dos adultos, encontram na amizade que possuem uns com os outros, uma possibilidade de escape, de amenização da dor.

**Palavras-chave:** Infância; Amizade; Violência.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the relationships between the characters of the short story "A ilha dos gatos pingados", especially which refers to the friendship between boys that pursue to help their friend, Cedil, to escape from tyranny of the adult world. Thus, it observed that, José J. Veiga, presents children that in spite of domestic violence, especially from adults, they find in their friendship a chance to escape, a chance to soothe pain.

**Keywords:** Childhood; Friendship; Violence.

### **1. Caminhos possíveis em José J. Veiga: entre o real e o mágico**

Para que haja a compreensão das características básicas que definem o que é o maravilhoso mágico é preciso que se entenda primeiro o que é o fantástico, maravilhoso e estranho. Esses três gêneros possuem uma tênue linha que os separam. Ao compreender o fantástico, primeiramente, permite-nos entender os outros dois gêneros vizinhos. Segundo Todorov (2010):

“O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar em um gênero vizinho, o estranho e o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 2010, p. 31)

Dá-se o fantástico quando algum acontecimento transpõe o limite do que chamamos de real. Para que o fantástico ocorra faz-se necessário que haja uma quebra das leis naturais.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Professora de Língua Inglesa da Secretaria de Educação Básica do Ceará- SEDUC-CE.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Minho-Portugal. Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Essa quebra remete sempre ao sobrenatural. A hesitação constitui como umas das características do gênero. Pode surgir no leitor ou nas personagens, isso acontece porque o fantástico rompe com o que é considerado normal, padrão, para levar leitores e personagens a hesitação de acreditar ou não nos fatos narrados.

Assim como o gênero fantástico parte da hesitação, da dúvida, o estranho também encontra suas fundamentações nesses dois aspectos. Porém, o estranho, caracteriza-se pela tentativa de uma explicação racional para acontecimentos fantásticos e extraordinários em uma obra. O estranho caracteriza-se principalmente pela negação do sobrenatural. O estranho só reconhece as leis naturais e, busca a partir dela mesma, encontrar respostas para comprovar o equívoco do que, até então tinha aspectos de sobrenatural. Compete ao estranho utilizar-se de mecanismos racionais para solucionar acontecimentos que inicialmente parecem ser de ordem sobrenatural.

Assim, no gênero estranho, há inicialmente uma situação descrita, insinuada com aspectos de sobrenatural, mas em que se buscam explicações que nos levarão a conclusão de que, tais situações não têm nenhuma relação com um plano além do real.

Enquanto que no fantástico há uma dúvida, como parte integrante e, no estranho uma negação desses elementos tidos como sobrenatural, no maravilhoso encontra-se finalmente a aceitação de fatores além das formas do que chamamos de real. Como observa Todorov (2010): “No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos”. (p. 59-60)

O maravilhoso, assim, vai além da aceitação, uma vez que, a dúvida não é gerada. Nesse espaço o que compreendemos por sobrenatural não causa nenhum espanto no leitor, pois essa é a lei do normal. No maravilhoso as leis sobrenaturais correspondem ao real, ao normal, o leitor nem as personagens, em momento algum duvidam dos fatos que são narrados, pois não há espaço para isso.

O maravilhoso, aqui apresentado, é também chamado de maravilhoso puro, ou seja, com total aceitação do sobrenatural. Porém é necessário que se aponte para outras variações do gênero. Em *Introdução a literatura fantástica* (2010), Todorov chama a atenção para a existência do que podemos considerar subgêneros. Dentre ele, há nos escritores da América

Latina, tendo Gabriel García Márquez como o mais conhecido deles, o chamado *realismo mágico* ou *realismo maravilhoso*:

O sintagma “realismo maravilhoso”, aparentemente paradoxal (porque realismo pressupõe uma relação de verossimilhança com o referente e maravilhoso, de inverossimilhança), define o tipo de narrativa que encontramos em García Márquez, em Juan Rulfo e em Carpentier, por exemplo. São narrativas que não excluem a os *realia* (real, no baixo latim); enquanto, *os mirabilia* (maravilha) ali se instaura, sem solução de continuidade e sem criar tensões de questionamento (como no fantástico). (...) (RODRIGUES:1988, p. 51)

A literatura de José J. Veiga já é, frequentemente, classificada como pertencente desse movimento chamado realismo mágico. Literatura que em algum momento se relaciona com coisas que vão além do que denominamos de normal. Entretanto, o próprio autor contesta esse “rótulo”:

“Fui vítima de uma invenção minha. Na época em que resolvi levar a coisa a sério, pensei: para ser escritor, preciso fazer alguma coisa mais ou menos diferente do que se faz. Então, me veio a ideia de fazer isso que chamam *fantástico*. Mas depois dos *Cavalinhos* vi que não era fantástico. Era uma maneira de ver a realidade, talvez mais a fundo. São camadas da realidade que não estão à mostra. Então, continuei por aí. E há muito a fazer em cima”<sup>3</sup>

J. J. Veiga, assim, coloca sua literatura à parte dessa classificação, afirmando que, o modo como se expressa, na verdade, é apenas mais uma forma de ver a realidade. É ver mais a fundo, para que possamos enxergar o que não nos é visível aos olhos. Embora essa relação de realismo mágico, ou essa nova forma de ver as coisas, como afirma o autor, seja recorrente em sua obra, no conto que aqui analisaremos há alguns aspectos, embora não muitos, que nos remetem a ele. Como assim veremos.

## 2. “A ilha dos gatos pingados”: uma infância marcada pela violência doméstica

No conto *A Ilha dos gatos pingados*, de José J Veiga, somos apresentados a uma história que se desenvolve, principalmente, a partir da vivência de quatro crianças. Dessas crianças, três delas desenvolvem laços de amizade que servem de suporte para um deles, Cedil, enfrentar as durezas da vida.

---

<sup>3</sup> (Disponível em: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/22/artigo181158-1.asp>)

Em *A Ilha dos gatos pingados*, somos tocados por uma temática tão comum, atualmente, que enche os programas de televisão de histórias, somos tocados pela crueldade dos adultos para com as crianças, pela violência doméstica. Essa violência, embora ficcional, faz-nos lembrar dessas inúmeras histórias reais que conhecemos e, que, de tanto vê-las, estamos perdendo a sensibilidade, o sentimento de empatia.

Cedil, ainda muito criança, vivencia dentro do seio familiar a violência. Zoaldo, o namorado de sua irmã é o agressor. A apresentação de Zoaldo já nos dá a ideia disso: “Zoaldo era muito bruto, só falava gritando. Nem Pedro Arcanjo, que já tinha brigado com soldado, tirava farinha com ele.” (VEIGA, 2015, p 29). A personagem é assim, apresentada como um ser bruto, que busca confusão e que dela não foge. Ele é, na verdade, o estranho, aquele que não possui uma relação de parentesco com Cedil, mas que mesmo assim usa de violência com ele.

Sempre por motivos banais, a violência contra Cedil é construída no conto por Veiga. Como podemos observar a primeira vez que Zoaldo o agride:

Nos primeiros dias do namoro Zoaldo deu uma surra em Cedil por causa de uma malcriação que ele fez pra Milila. Cedil estava brincando com outros meninos no barranco perto da casa. Milila chegou na janela e chamou. Ele disse que já ia e ficou brincando. Ela chamou de novo, ele disse pra não amolar. Zoaldo desceu a calçada da casa e veio vindo, parecia que ia embora. Mas quando passou perto de Cedil deu um bote e agarrou o coitado pelo cangote, levou pra dentro debaixo de tapa e lá ainda bateu com o cinturão. (VEIGA, 2015, p 29-30).

Por essa passagem do texto podemos confirmar Zoaldo como um estranho na família, pois ele tinha iniciado o namoro com Milila e já estava tomando para si o papel de “pai” / “homem” da família, atribuindo assim à figura masculina a brutalidade que era necessária à casa. Não se tem notícias do pai de Cedil, não há um homem adulto nessa casa e Zoaldo acha-se no “direito” de exercer tal papel. É relevante apontar para o fato de que a violência acontece no meio da rua às vistas de todos. Todos presenciam tal ação, mas ninguém intervém pelo menino.

Se de um lado, temos uma figura masculina que age de forma violenta, que toma posse do seio familiar que lhe é alheio e passa a se sentir o proprietário de tudo, inclusive das pessoas dessa família, a figura feminina, a mãe de Cedil, é a representação de uma prostração feminina. Uma personagem que não consegue impor sua vontade em sua própria casa, que não consegue pôr um fim à crueldade a que seu filho é exposto. Mesmo quando seu filho

corre em seu auxílio na busca por socorro não consegue esboçar reação alguma: “Cedil correu pedindo o socorro da mãe, Zoaldo atrás dando cabrestada. A mãe de Cedil correu para o quarto, fechou a porta e ficou rezando tão alto que de fora se ouvia” (VEIGA, 2015, p 31).

Cedil, assim, não possui um único adulto a quem possa recorrer para ajudá-lo. Ele está sozinho diante as vontades dos adultos. Em meio a essa confusão emocional, o garoto encontra em seus amigos um suporte, um auxílio. Mesmo sendo apenas crianças também, os meninos, principalmente na figura do narrador-personagem, constroem através do laço de amizade o maior conforto que o menino agredido possui.

Embora a relação das crianças seja de extremo companheirismo, há também o conflito com a criança menor. Camilinho é o excluído do grupo por ser menor. As crianças buscam artimanhas para se livrarem da companhia dele. Reclamam que não acompanha as brincadeiras, que chora e resmunga demais. Por isso, fogem dele como podem. Por outro lado, a criança rejeitada os persegue, sempre tentando se enturmar com os outros. Nesse outro conflito de gerações, a criança menor se aproveita do clima de conflitos entre os meninos e os adultos para ser o delator, aquele que entrega os meninos para seus pais. Essa constante ação de entregar as crianças gera vários conflitos:

Quando chegou em casa ficou rodeando a mãe por todo canto, ela mandava ele brincar, ele arremanchava e não saía de perto. Ela perguntou o que ele queria, ele disse que era preciso fazer um chá bem forte pra Tenisão porque ele tinha nadado no rio. Dona Zipa ficou nervosa, chamou Tenisão, fez o coitado beber o chá, mas primeiro deu uma surra nele e depois foi avisar lá em casa. A minha valença foi que eu estava na casa de vovó e lá eu não apanhava. (VEIGA, 2015, p 31).

O Narrador-personagem é quem vai contornando as situações de desespero de Cedil. Quando Cedil lhe confessa que irá fugir, mesmo sem saber como, estando disposto a fazer isso de qualquer jeito, o narrador o convence a mudar de ideia. Fala sobre índios, sobre a dificuldade que seria para ele sobreviver em meio a índios ferozes. Cedil assim, desiludido da ideia de fugir para longe, chega a pensar em suicídio:

(...) Ele ficou tristinho, pensando, depois perguntou uma coisa boba, de gente que está mesmo muito desacomodado: perguntou se afogar doía, se a gente ficava desesperado como quando está mergulhando em poço fundo e o fôlego acaba. Eu disse que afogar era horrível, que no sítio de minha vó morreu um menino afogado, o Zuzezinho, ficou de olhos estufados como sapo, eu passei muitas noites sem dormir, com medo dele. Era horrível. Cedil pensou, e perguntou se se ele fosse viver no mato eu mais Tenisão ia todo dia brincar com ele depois da escola. Eu disse que a gente levava facão, cortava pau pra fazer casa, levava mantimento, fazia caçada com espingarda de cano de guarda-sol, Tenisão estava trabalhando uma, só faltava

colocar o tufo quando achasse jeito de derreter chumbo sem a mãe dele ver. (VEIGA, 2015, p 31).

O suicídio é, sem dúvida, a última opção do desespero da criança. O menino parece perceber que não há possibilidade de mudança, que continuará sofrendo a violência do mundo dos adultos, que não há quem o possa ajudar, tirá-lo dessa situação.

É nesse contexto desesperador que surge o local do exílio. Ciente de que não há perspectiva de melhora, Cedil e os amigos encontram a tranquilidade na ausência do local de origem. Eles precisam se deslocar para um lugar à parte da sociedade para que estejam seguros dos adultos. Surge, então, a ilha. A ilha é, por simbologia, o lugar de fuga, o esconderijo para onde se escapa. Os meninos usam esse espaço para construir uma nova comunidade, agora só de crianças, em que eles podem ter a segurança de que tanto precisam.

A ilha, na verdade, é um banco de areia no meio de um rio. Mesmo estando na ideia de que estão seguros e protegidos, percebemos que a segurança que encontram não possui estabilidade alguma. A qualquer momento, o banco de areia pode ser imerso na água novamente. Ao analisarmos a instabilidade da ilha, temos diante de nós a fragilidade da situação. Os meninos fogem, escondem-se da violência, das divergências, mas, mesmo assim, temos a consciência de que isso é passageiro, temporário, assim como a ilha que os abriga.

Dentro da ilha, os meninos brincam, divertem-se, fantasiam. Envolvidos pelo clima de tranquilidade e segurança, Cedil começa a ter momentos de felicidade:

Eu gostava bem da ilha, mas acho que gostava mais era por causa de Cedil. Ele tinha deixado de falar em afogar ou fugir, decerto porque Zoaldo estava viajando, ajudando seu Zaco no serviço de guarda-fio. Diziam que Milila não ia mais ser namorada dele, não sei se era certo, mamãe zangou quando perguntei. Mas Cedil não parecia o mesmo, todo dia inventava um brinquedo novo (VEIGA, 2015, p 33).

Cedil, assim, não precisa se preocupar com os maus tratos e humilhações que Zoaldo o submete. Pode ser criança que se ocupa apenas de brincar com seus amigos. Infelizmente essa felicidade do menino dura pouco.

José J. Veiga através da inocência do narrador vai construindo um clima crescente de tensão no conto. Intercalando entre um toque de humor, inocência, momentos de maturidade e o olhar do trágico expresso através da voz do narrador. A situação é complicada para o menino, mas não podemos esquecer que o narrador é também um menino, um menino muito

sensível a dor do amigo, que assume um teor nostálgico, mas que não deixa de ser criança, de expressar-se como criança, utilizando uma linguagem que lhe é pertinente.

É no espaço da ilha que temos referência ao chamado realismo mágico. Lugar fora da comunidade, a ilha não sofre influência dos adultos, não segue as leis naturais da sociedade em que os meninos vivem. Na ilha não há lugar para tristezas, para agressões e violências. Envolvidos por esse clima os meninos ao brincar, criam. Fantasiam itens básicos para tornar o lugar habitável para Cedil:

Fizemos monjolinho de gameleira, é fácil de torar e furar, pilava à toa o dia inteiro, quando a gente ia embora escorava ele levantado como monjolo de verdade. Fizemos usina de luz com represa, casa de turbina, poste subindo e descendo morro, copinho de isolador, fio e tudo, gastamos acho que dois carretéis de linha. (VEIGA, 2015, p 33).

Aqui, apesar de sabermos que, pelas leis da normalidade, crianças sozinhas não são capazes de realizarem tais proezas, não podemos descartar a ideia de essa ser uma pitada do mágico, do fantástico, na realidade que conhecemos. Ou pelo contexto da narrativa, é possível que seja verdade, que seja uma espécie de maquete de usina. Outra possibilidade para explicar essa situação seria o mundo paralelo que as crianças criam em suas brincadeiras, mundo da imaginação e fantasia. Dentro das brincadeiras, as crianças poderiam construir usinas, represas, mas isso em nenhum momento é apontado pelo narrador. De repente, numa realidade cotidiana somos surpreendidos por esse toque insólito.

Fora da ilha, a tensão crescente gerada pelos maus tratos, chega a um nível insuportável para Cedil. Primeiro, com a perda da ilha. Camilinho, que nunca teve a oportunidade de conhecer a ilha, é quem mais uma vez será o causador de conflitos. Ele observa, segue os meninos até onde escondem a jangada que utilizam para chegar até a ilha. Como não consegue fazer parte da brincadeira, revela a existência da ilha para meninos maiores, que não simpatizam com os três amigos. É então, que acontece o fim da ilha:

Estava tudo expandongado, a casa, a usina, os postes arrancados, o monjolinho revirado. Cedil chorava de soluço, corria pra cima e pra baixo mostrando os estragos, clamando da ruindade. Eu quase chorei também só de ver a tristeza dele. Para nós a ilha era brinquedo, pra ele era consolo. (VEIGA, 2015, p 33).

Em seguida, a tensão só vai aumentando... aumentando. A mãe de Tenisão envia o menino para estudar fora da cidade e Cedil perde um amigo. Mais ou menos nesse mesmo período Zoaldo retorna e reata o namoro com Milila:



Mais ou menos nesse tempo Zoaldo voltou de viagem e pegou de novo em namoro com Milila, batia mais ainda em Cedil, acho que pra descontar o tempo que não bateu. Nós todos lá de casa fomos para o sítio de vovó esperar a folia. Eu quis levar Cedil, mas Zoaldo disse que podíamos tirar o cavalo da chuva. (VEIGA, 2015, p. 35).

A vida de Cedil que já não era fácil, fica ainda pior. Enquanto Cedil tinha o espaço da ilha e a companhia de seus amigos, ele conseguia ter forças. Os amigos, principalmente o narrador, são a base para esse menino. São as pessoas a quem pode recorrer no momento de sufoco. Quando não há mais a ilha para fugir, nem os amigos para consolá-lo, Cedil foge.

Quando o narrador retorna de viagem e descobre a fuga de Cedil, ele parece ser o único a ter sensibilidade o suficiente para compreender a situação. Enquanto que os adultos, após um período de comentários, prosseguem suas vidas sem dar importância para a fuga do garoto, o narrador não consegue deixar de lembrar o amigo, de pensar nas dificuldades que uma criança sozinha no mundo deve enfrentar. Na ausência do amigo, ele se apega a tudo o que tem: a lembrança. Como podemos observar:

Mamãe ralhava, dizia que era melhor eu ir tratando de esquecer. Ouvindo todo dia sempre a mesma coisa eu ficava mais triste ainda. Qual era a vantagem de esquecer? Pois eu até tinha medo de acordar um dia e descobrir que tinha esquecido Cedil completamente, ele tão menino e já sofrendo longe no mundo. Acho que tem certas coisas que a gente não deve esquecer, é como uma obrigação. Se depender de mim, nunca eu hei de esquecer a Ilha dos Gatos Pingados. (VEIGA, 2015, p. 35-36)

Enquanto para os adultos Cedil é apenas mais um entre tantos outros meninos que diariamente fogem de suas casas e vagam sozinhos pelo mundo, para o narrador-personagem, lembrar de Cedil é uma obrigação, é a forma que encontra para manter vivo o amigo, mesmo que seja apenas em sua memória.

### **Considerações finais**

No espaço ficcional de José J. Veiga, somos convidados a conhecer uma representação da infância marcada pela violência doméstica. Cedil, ainda muito criança conhece as asperezas da vida, o tamanho da crueldade humana, o descaso por parte dos adultos, a falta de sensibilidade da sociedade.



Nesse contexto desanimador, meninos que se unem e criam laços de solidariedade para ajudar um amigo agredido, ensinam-nos a perceber o poder de uma amizade. Numa infância tão conturbada, envolta em humilhações e agressões, a amizade se mostra como suporte, como base para uma criança lidar com tais situações. Para Cedil, os amigos e a figura da ilha representam o conforto de que ele tanto precisa.

Todorov (2012) nos chama a atenção para o poder humanizador que a literatura possui. Quando lemos um texto somos levados a emoções diversas no que se refere a sensibilização, a compreender melhor nosso próximo. José J. Veiga em *A Ilha dos gatos pingados*, faz-nos sentir mais próximos de Cedil e sua difícil vida. Sensibiliza-nos sobre a violência, a dificuldade de convivências com as pessoas, sobre nossa condição humana. Enfim, dá-nos a ideia, como Todorov observa, do quanto pode a literatura, nesse caso, mostrar-nos o quanto pode a amizade em nossas vidas.

## Referências

RODRIGUES, Selma Calasans. *O Fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTIAGO, Salviano. Prefácio. IN VEIGA, José J. *Os cavalinhos de platiplanto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correia Catello. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *O que pode a literatura? In A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

VEIGA, José J. *Os cavalinhos de platiplanto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.